

ANTÓNIO
LOBO Obra Completa
Edição *ne varietur* *
ANTUNES
O ARQUIPÉLAGO
DA INSÓNIA

Romance

* Edição *ne varietur* de acordo com a vontade do autor
Revisão filológica de
António Bettencourt



DOM QUIXOTE

De onde me virá a impressão que na casa, apesar de igual, quase tudo lhe falta? As divisões são as mesmas com os mesmos móveis e os mesmos quadros e no entanto não era assim, não era isto, fotografias antigas em lugar da minha mãe, do meu pai, das empregadas da cozinha e da tosse do meu avô comandando o mundo, não a presença, não ordens, a tosse, um lenço saía-lhe do bolso e desarrumava o bigode, o meu pai prendia o cavalo na argola e a seguir apenas o restolhar da erva que esse sim, mantém-se, embora seco e duro até depois da chuva, na varanda os campos que conheço e não conheço, o renque de ciprestes que conduzia ao portão e além do portão com um dos pilares tombado os sobreiros e o trigo, a vila cada vez mais distante onde as luzes acentuam o escuro, um sítio de defuntos em cujas ruas trotava abraçado ao meu pai, assustado com os postigos vazios e a certeza que nos espreitavam dos amieiros da praça no tempo em que nada faltava na casa, a minha mãe no andar de cima a perfumar baús, a chávena da minha avó no pires e ela fixando-me com um olhar de retrato que atravessava gerações vinda de um piquenique de senhoras de bandós e cavalheiros de colarinho de celulóide comigo a pensar se toda a gente continuaria aqui em conversas que o relógio de pêndulo afogava no

coração pausado, uma tarde encontrei a chávena e o pires num canto da camilha e a cadeira sem ninguém, uma outra tarde os baús do andar de cima cessaram de cheirar só que dessa ocasião automóveis no pátio, senhores que me despenteavam numa lástima amiga

– O órfão

enquanto as empregadas da cozinha amontoavam flores na carreta onde me deu ideia que o cheiro dos baús se evaporava devagar, o meu avô de gravata ele que não usava gravata, usava um botão de cobre a fechar-lhe o pescoço e o meu pai a desprender as rédeas da argola, vi-o parado numa crista antes de trotar de novo, deram por ele do lado de fora do cemitério a assistir às flores mas o que lembro melhor é um tordo num anjo de gesso e a chuvinha de outubro, gotas que não caíam, trocavam de posição sob um céu de barrela, homens com enxadas, as cruces dos soldados que morreram em França num talhão onde os arbustos cresciam sem que os aparassem e se diria gemerem e o meu pai campos fora acuado por latidos de cachorros e esparvoando galinhas ele que não falava com a minha mãe, não a cumprimentava sequer, dormia no compartimento ao lado da cozinha culpando-a da indiferença do meu irmão que continua comigo nesta casa em que apesar de igual quase tudo lhe falta, as mesmas escadas, os jarrões, as sanefas, o cavalo que não montaram mais e o meu pai no degrau das traseiras, ao fim da tarde, a disparar sobre os coelhos bravos à medida que a vila ia fervendo de espectros e o perfume dos baús substituído pelo grelado da roupa, o meu avô faleceu anos antes e ninguém nos visitou excepto um ou dois homens da sua idade com um botão de cobre a fechar o pescoço que por seu turno ninguém visitava e empurrariam sem flores para o cemitério que os sujeitos das enxadas desertaram deixando-nos no meio do trigo murcho e da aveia crestada e o meu pai sem se preocupar com a aveia, um estranho para mim como eu um estranho para ele semelhantes aos parentes dos retratos no que teimo em chamar casa por não lhe achar outro nome, demasiado grande para nós com duas ou três palmeiras e a minha avó

– O jardim

um hálito de pólvora subia das cruzes dos soldados quando as criaturas da vila, há tantos anos finadas, principiaram a cercar-nos, nos meses da revolução a tropa e os camponeses tentaram furtar-nos a casa
 (a chávena da minha avó a tremelicar no pires, não a minha avó, a chávena, a minha avó impassível na cadeira)

queimando o celeiro, degolando a criação e quebrando as patas aos borregos e às vacas

(a chávena contra o pires, a chávena sem cessar contra o pires)
 a minha mãe escondida no andar de cima suponho que a chorar como quando o meu pai

– O que me deu na cabeça para te tirar do fogão?
 trabalhava na cozinha com as outras até que ele a caminho do armazém

– Leva as tuas coisas para o andar de cima amanhã
 e a minha mãe a não entender, a entender, obedecendo a carregar uma caixa pequena pelas escadas acima enquanto as colegas a espiavam caladas com ciúme ou pena não sei, imaginando-a entre baús grávida do meu irmão, de mim e depois num banquinho à espera, não me lembro de nos tocar, lembro-me do pente a descer o cabelo conforme me lembro

(mas serão lembranças ou episódios que invento, provavelmente não passam de episódios que invento)

do meu avô a desafiar a tropa e os camponeses e o meu pai a galopar com a caçadeira, de cavalo arrepiado de medo que se notava pelo suor do pescoço ao mesmo tempo que derrubavam a segadora e o depósito da água, o depósito a jorrar no chão e o cavalo encabritando-se no jorro, uma das empregadas da cozinha

– Os comunistas
 que ocupavam herdades e quintas vindos da planície onde as perdizes esvoaçavam gritando e eu supunha a minha mãe no meio delas a esquivar-se ao meu pai

– Leva as tuas coisas para o meu quarto amanhã
 uma empregada a quem o meu avô, sem se ralar connosco, filava o pulso

– Chega cá

trancava-se com ela na despensa numa avidez de canário e saía a compor o botão de cobre sem lhe saber o nome ou se importar com a chávena da minha avó contra o pires, os tucanos giravam em busca do vento da fronteira e a gente no meio das leiras devastadas na casa em que apesar de igual tudo principiava a faltar-lhe, as criaturas dos retratos

– Quando é que morres tu?

oferecendo-nos garrafas de vinho e um riso apagado, a sombra da pereira anulava-nos os corpos antes do começo da noite, a minha mãe tentava fugir com a caixa pequena e o meu pai a empurrá-la com o cavalo

– Para dentro

como se enxotasse um bicho, a única mulher que nos sobrava porque um silêncio de abandono na cozinha, as camas das empregadas por fazer, os pratos e os copos no lava-loiças sem um pano que os limpe e a casa no meio das ruínas que os comunistas deixaram, ovelhas e vacas que fomos obrigados a abater e nos observavam aceitando, pássaros

(não os tucanos da lagoa, não milhafres, outros mais gordos, maiores, rasgando-lhes a pele inchada com as unhas e o bico)

um gato a farejar uma lata de não sei quê no escritório e os baús silenciosos dado que a minha mãe imóvel lá em cima, pensando o quê, planeando o quê, desejando o quê, não sei quem você era senhora, uma ocasião pegou-me na cara, tive medo que me desse um beijo

– Chega cá

e graças a Deus não me deu um beijo, largou-me desgostosa de mim, quem me garante que não nasceu na vila com os restantes espectros e não passava de um fantasma como eles, uma ausência de olhos a espreitar dos postigos ou uma ameaça a perseguir-nos da matéria sem carne de que as trevas são feitas de modo que não acredito que tenha nascido de si, o meu irmão talvez postado diante das molduras

a tornar-se retrato, não escutando o relógio nem o vento no milho, quer dizer as folhas amarelas agora que só nós dois aqui onde tudo apesar de igual nos falta e na cave, na adega, nos arcos da latada me acontece sentir uma chávena num pires ou um cavalo a puxar uma argola respirando com força, em torno os montes ao Deus dará e o pedaço de celeiro que resiste em cujo ângulo um texugo ou uma doninha se ocultavam ao mínimo som porque tudo receava tudo naquele deserto parado, inclusive os gritos dos tucanos repetindo sem descanso o que eu não percebia conforme não percebi o meu pai quando adoeceu há dois anos e exigiu que o deitássemos na cama do sótão na qual nunca dormiu e em que a roupa da minha mãe se pendurava de grampos, havia um Cristo que se compra nas feiras torto na parede, a tábua de passar a ferro com uma camisa do meu avô e o meu pai para a camisa

– Vá-se embora

o meu pai

– Deixe-me sozinho com ela

não com o meu irmão nem comigo, sozinho com ela, uma palavra que me escapou até me aproximar da sua boca, ia jurar que

– Voltei

ou não

– Voltei

enganei-me, continuava a escapar-me, continuaria a escapar-me, o meu pai não era um Cristo que se compra nas feiras, era um homem ordenando a uma empregada da cozinha

– Leva as tuas coisas para o andar de cima amanhã

e a empregada sem coragem de desobedecer levantando-se a alisar a blusa incapaz de negar-se

– Largue-me

a minha mãe com dezassete ou dezoito anos se tanto que se lavou a chorar para ele, se calçou para ele, se arranjou para ele a equilibrar as lágrimas, quem habitou aqui antes de nós e não nos procura como as pessoas da sala, esqueceu-nos e ao esquecer-nos deixámos de existir,

não somos, não éramos, não chegámos a ser, a minha mãe não foi, eu não sou, o meu irmão não é e contudo o meu pai a preveni-la

– Voltei

como se ambos fossem, não nós, no dia do enterro espreitou o cemitério da grade e sumiu-se de estribos a tilintarem nos ferros das correias, o meu pai para a minha mãe defunta

– Deita-te aqui comigo

disso tenho a certeza

– Deita-te aqui comigo

não no tom em que

– Leva as tuas coisas para o andar de cima amanhã

uma voz de desamparo se calhar da febre, se calhar da fraqueza e mais forte que a febre e a fraqueza

– Deita-te aqui comigo

e ninguém ao seu lado, você sozinho pai e todavia à procura, as mãos a segurarem o que julgava as mãos da minha mãe ou as rédeas que não havia continuando a partir do cemitério a caminho da vila onde os espectros moravam a atirar-lhes de chibata no ar

– Não se escondam de mim

sem que lhe respondessem porque não há quem se importe consigo, não peça

– Não me deixes

à camisola e às saias de uma rapariga que lhe obedecia não por afeição, por medo e devia detestá-lo por medo igualmente, inerte à sua beira a ouvir o baloiço das árvores na noite e da terra que subia e baixava consoante as nuvens, o trote do cavalo rodeava a casa detendo-se no lugar em que golpeavam os porcos dando ideia que o sangue do animal ou da minha mãe quando nasci continuava a pingar no algiudar de forma que no momento em que o meu pai

– Não me deixes

a procurei na sua cara, você que sofria quando o meu avô

– Chega cá

a pegar na caçadeira, você à entrada do quarto, o meu avô a fixar os canos enjoado de si

– Idiota

e você a baixar a caçadeira e a ir-se embora vencido, você a disparar sobre os tucanos e cada tucano um botão de cobre a fechar-lhe o pescoço, cada tucano o dono do trigo e do milho e não se dava ao trabalho de mandar os cães buscá-los, você, mesmo se a minha mãe com o meu avô

– Não me deixes

apesar da boca fechada, você idiota pai e nisto compreendi que não foram os comunistas que deitaram fogo ao celeiro, tombaram o depósito da água e mataram o meu avô, foi você e não a espingarda, o sacho, os camponeses e a tropa e as empregadas da cozinha a fitarem-no quietos no instante em que

– Senhor

num tom que crescia sem que desse conta do tom a crescer, levantando o sacho

– Senhor

você que nunca

– Pai

você sempre

– Senhor

por submissão, por hábito, o meu avô a troçá-lo

– Já não era sem tempo

sem acreditar nele e a calar-se quando o sacho lhe desfez um ombro, o segundo ombro, uma perna, a insistir

– Senhor

ainda por submissão e por hábito, o meu avô

– O que é isso?

e o cavalo amarrado à argola a afligir-se com o cheiro dos ossos, o meu avô de joelhos no pátio, o meu avô deitado

– Idiota

os tucanos em debandada, um dos camponeses

– Jesus

a erva a inclinar-se num murmúrio negro e o meu avô a apoucá-lo de cara desfeita

– Idiota

com um botão de cobre a fechar-lhe o pescoço, o meu pai sem largar o sacho num último

– Senhor

não já no tom que crescia, no tom do costume ou no estremecimento de uma chávena num pires que conseguisse

– Senhor

e se calasse assustada, os dedos do meu avô fecharam-se e abriram-se e o meu pai beijou-os conforme os beijava antes de sentar-se à mesa, lembro-me de me fitar e sou capaz de jurar que não me via, via o

– Senhor

teimava

– Senhor

espantado com o silêncio a contemplar o sacho e a largá-lo, o meu avô sem majestade alguma com um dos olhos abertos e o outro não

– Idiota

não

– Chega cá

resignado, não montava um cavalo como o meu pai, montava um mulo quase sem pêlo que coxeava de uma das patas traseiras, tão idoso quanto ele e capaz de encontrar sozinho numa certeza lenta as veredas do trigo, quem trabalhava para nós a retirar o chapéu

– Patrão

sem que o meu avô respondesse com um aceno ao menos, estacando junto à cerca a chamar o feitor de boné no peito a escutá-lo enquanto o mulo ia girando as orelhas alarmado com os sapos da lagoa e as cobras que se torciam no lodo assobiando guizinhos, o meu pai pontapeou-o do estábulo

– Desaparece-me da frente

o mulo afastou-se na direcção dos juncos sabendo quem mandava agora e não o tornámos a ver, há instantes em que se me afigura na eira, abro a janela e enganei-me, se calhar os perdigueiros derrubaram-no e meia dúzia de cartilagens nas silvas, o meu pai entre os baús

– Não me deixes

para uma camisola e umas saias de que o meu avô troçaria

– Trapos

sem boca e a troçar das saias conforme troçava do meu pai

– Nunca foste um homem a sério

de mim

– Vê-se logo a quem saís

o meu avô que continua nesta casa a quem tudo falta apesar de igual, lá estão o relógio, as fotografias e ele desgostoso da gente ocupando o sofá em que nenhum de nós se atreve a sentar

– Que triste este sítio

a palma a percorrer a testa e a desistir no bolso, as costas a pingarem até que de súbito uma ordem zangada

– Não me aborreçam idiotas

e a suspeita de lágrimas, já no corredor assoava-se e tenho a certeza que

– Mãe

referindo-se a um dos retratos que eu ignorava qual fosse, que bandós, que vestido enfunado, um mulo por companheiro e é tudo, só não compreendia a ausência de força e a suspeita de lágrimas, lembro-me de um contador onde guardava facturas, no meio das facturas cartas nem sequer atadas com uma fita numa caligrafia infantil, em papel de colégio, a pedir brinquedos, lápis de cor, visitas, não

– Chega cá

não uma mulher, brinquedos, lápis de cor, visitas e após uma despedida cerimoniosa o nome completo no fim comigo a pensar

– Se lhas mostrasse fingia não ver

o mulo a mancar debaixo da janela, ele sozinho e depois a minha avó

(uma chávena num pires)

e depois o meu pai que galopa na vila a interrogar postigos ou persegue na cozinha as empregadas que se recusam escondendo-se na tulha, o meu pai com quem o feitor conversava de igual para igual, de

boné na cabeça porque era o meu avô quem mandava, não ele, o feitor ao qual a minha mãe obedecia

– Chega cá

não em casa claro, na arrecadação das sementes enquanto o meu pai na vila como se apenas na vila conseguisse existir, reinando sobre a poeira dos mortos

(há momentos em que me pergunto se não estamos todos mortos salvo o meu irmão a contemplar o relógio de que o esmalte dos números se descolou com o tempo)

a insistir

– Não me deixes

não à minha mãe já, a mim que o espreitava sem coragem de me aproximar e de repente ele

– Senhor

como se o meu avô o pudesse ajudar ou alguma vez tivesse ajudado e no entanto a única pessoa capaz de salvá-lo nem que fosse pelo desdém e a troça, o relógio sobressaltou-se um instante e continuou a mover os ponteiros numa ausência de números de modo que o tempo cessara também, meia noite, setenta e seis da manhã, quarenta e oito da tarde, o que importam as horas, em qualquer uma delas as folhas das oliveiras paradas e nenhum arrepio no milho, uma chávena num pires a tremer e eu a tremer com ela, pode ser que o meu pai desejando que eu trouxesse a caçadeira ou o sacho e o ajudasse a acabar, escutei o cavalo que tentava libertar-se da argola e um sapo do tamanho do homem que eu nunca seria a ferver na lagoa

(o meu avô?)

a bomba do poço em que uma dificuldade de ferrugem corrigia a direcção do silêncio, não o silêncio da ausência de ruído, uma mudez feita das vibrações que se anulavam umas às outras de muita gente a falar e apenas reparamos nas bocas que não têm e nos vapores da terra de que nasciam insectos, desci as escadas para me afastar do meu pai

(o que sinto por si?)

evitando a sala onde a chávena a explicar o quê, a comunicar o quê, a prevenir o quê, um velho surgiu no alpendre

– Cuidado

talvez não um velho, uma criatura que inventei

(devo ter inventado)

visto que não possuía feições e se dissolveu no muro, o meu irmão na cozinha e o meu avô a inquietar-se com ele, dava-lhe a comida, ajudava-o a vestir-se, obrigava o feitor a tirar o boné

– O meu neto

agitando-se de não o ver receoso da lagoa, do poço

– Onde pára o rapaz?

e o meu irmão a sacudi-lo com o braço porque ninguém existia, somos personagens de moldura, sorrisos confundidos com os estalos do soalho, não existimos e portanto o que digo não existiu, que caçadeira, que sacho, que baús, que dedos escrevem isto, ficam os tucanos da lagoa a caminho da fronteira e o meu avô a segurar o pescoço do meu irmão não como segurava o pulso da minha mãe

– Chega cá

em precauções comovidas

– Há-de tomar conta disto tudo

ou seja ausências e eu a perguntar-me qual o motivo de não me escolher para tomar conta disto tudo dando ordens da minha moldura às restantes molduras e elas para mim

– Senhor

de boné contra o peito, o meu avô a verificar o milho, o trigo e a cerca convencido que milho e trigo e cerca e apenas uma extensão de ervas, moscas numa azinheira e um texugo a safar-se da gente, se porventura me apontassem

– Esse infeliz sai ao pai

quer dizer um dia destes pega no cavalo que não lhe obedece que nem para os animais tem nervo e some-se na vila, procurei o bicho na argola e dentro de mim o Cristo de feira dobrado nos seus cravos

– Não me deixes

o relógio que se imobilizava, galinhas poupadas pelos cães a bicarem pedritas e a serra à deriva na distância, o meu irmão debruçado para os limos do poço